



REPRESENTAÇÕES DA AFRICA NOS MANUAIS DIDÁTICOS: a construção de um imaginário de inferioridade africana

Viviane Aparecida da Silva Paiva
Mestranda do mestrado profissional em História
UFG
viviane1000asp@gmail.com

RESUMO

Este texto tem como objetivo ressaltar a importância do continente africano e através do estudo dos mapas e imagens entender como se deu a construção dos estereótipos racistas que inferiorizam e desqualificam a África nos manuais didáticos, justificando as desigualdades e a exploração social do povo africano. Entender a força da imagem na formação e consolidação do caráter do indivíduo percebendo o quanto essas imagens contribuíram na construção do imaginário dos alunos de uma visão distorcida de fracasso e inferioridade africana. Dialogaremos com diversos autores buscando a desconstrução sobre a forma com que a África é trabalhada no currículo escolar sob uma visão eurocêntrica do conhecimento.

PALAVRAS CHAVE: Mapas; África; Eurocentrismo; Imagens; livros –didáticos.

INTRODUÇÃO

Apesar de sermos um país conhecido pela sua grande miscigenação e que se diz multicultural o que percebemos no dia a dia é o oposto desta proposição, uma sociedade extremamente racista, preconceituosa e perpetuadora de desigualdades. Segundo Marx, o conhecimento é controlado e legitimado como ferramenta das classes dominantes. A partir do apontamento filosófico podemos perceber essa relação de poder na forma com que a África é trabalhada no currículo escolar sob uma visão eurocêntrica manipulando e ocultando importantes passagens da história de uma África rica, esplendorosa e diversificada, contribuindo para a construção no imaginário dos alunos de uma visão distorcida de fracasso e inferioridade através da omissão de sua história, mas também da utilização de palavras e imagens que nos levam a ter esse olhar sobre o continente e seu povo.

O papel da educação é fundamental na formação de uma sociedade mais justa e democrática, com igualdade de direitos e oportunidades, mas apenas com um ensino voltado para a diversidade e multiculturalidade de forma a valorizar as diferenças ao invés de escondê-las isso será possível. Nesse sentido o Ensino de História tem papel de grande importância, é ele o responsável em formar a identidade da nação.



A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.
Nelson Mandela (2003)

A experiência de ser discriminado causa cicatrizes no, corpo, na alma, na personalidade do indivíduo, dificultando suas interações sociais, com isso consequências graves no projeto de formação de uma sociedade justa.

A adoção de leis que acabam com as desigualdades entre os diversos grupos no interior da sociedade, infelizmente não foi suficiente para produzir uma sociedade igualitária.

Parafraseando Marc Ferro, a imagem que construímos do outro e de nós mesmos está ligada ao que nos ensinaram quando éramos crianças, percebe-se aí a relevância de se trabalhar as questões étnico raciais de forma crítica a fim de se formar uma consciência histórica da realidade social. No entanto o que presenciamos nas nossas escolas e nos manuais didáticos é uma história excludente que marginaliza e cria estereótipos através de uma história ensinada de acordo com os interesses das classes dominantes e baseados na visão eurocêntrica do mundo, reforçando assim o fracasso escolar na medida em que o aluno não se reconhece

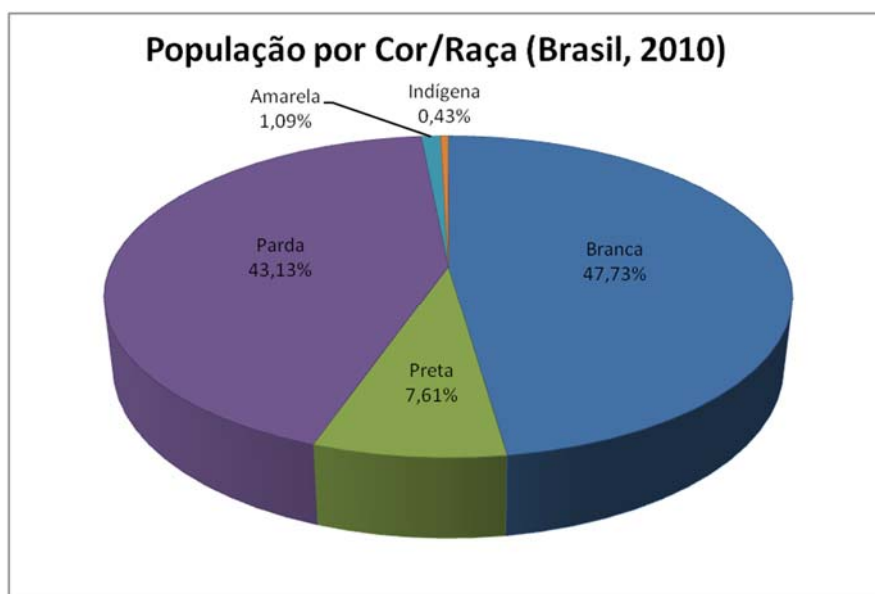
Apesar de apenas 7,61% da população brasileira se declarar negra os dados dos órgãos públicos nos mostram que entre os negros a distorção idade série e mesmo a evasão escolar são bem mais acentuadas do que na população que se auto declara branca, refletindo a desigualdade social a que esta população está submetida. Esses dados nos ajudam a pensar a escola que temos e a escola que queremos, essa escola que marginaliza, que inferioriza e que justifica o sofrimento e a exploração do negro, ou uma escola que promova uma educação crítico reflexiva onde as diferenças são respeitadas e os alunos consigam se reconhecer na história ensinada.

Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos ou de grupos de indivíduos, cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando esse sob rejeição ou suspeita. ANA CÉLIA DA SILVA(2010, p. 21).



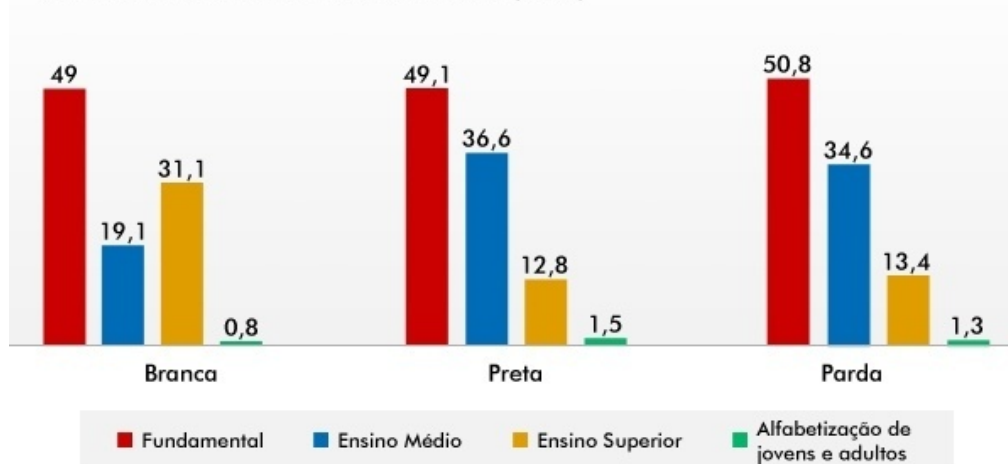
29/04 a 01/05/2015
Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Cidade de Goiás

Por isso a importância de se garantir que o texto da lei 10.639/2003 seja cumprido de forma que ocorra uma educação positiva das relações étnicas raciais. Observe os gráficos abaixo:



IBGE ,Censo 2010

Distribuição dos brasileiros de 15 a 24 anos de idade que frequentavam escola, por cor ou raça, segundo o nível de ensino (em %)

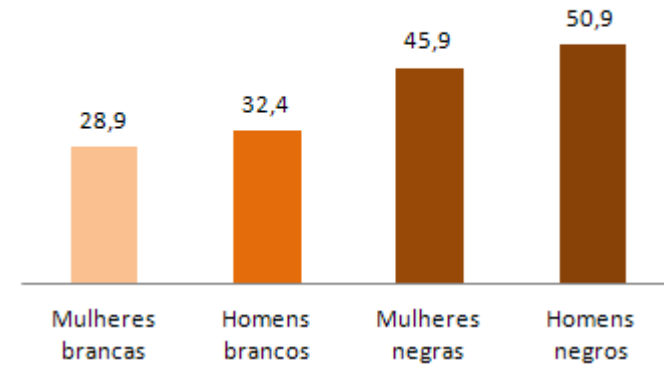


Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010



29/04 a 01/05/2015
Universidade Estadual de Goiás
Câmpus Cidade de Goiás

**Taxa de distorção série-idade no EM
segundo cor/raça e sexo**



(Fonte: PNAD 2009, baseado em Rosemberg&Madsen, 2011)

O que podemos notar através da análise dos gráficos é que apesar de a população negra representar apenas um sexto da população branca, (esse dado é de quem?) a distorção idade série entre os negros é bem maior do que da população considerada branca, se a comparação for feita entre os grupos de brancos e não brancos essa distorção passa ser gritante e vergonhosa passando de 70% de seus indivíduos com idade entre 15 e 24 anos no ensino fundamental contra 19% de brancos, já no ensino superior nesta faixa etária 31% dos brancos contra apenas 12% de negros matriculados.

A ÁFRICA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA

Segundo Selva Guimarães “O livro didático é o principal veiculador de conhecimentos sistematizados, o produto cultural de maior divulgação entre os brasileiros que têm acesso a educação escolar, na mesma direção Circe Bitencourt (2011:299) afirma que os livros didáticos são os mais usados instrumentos de trabalho integrantes da tradição escolar e nessa perspectiva, Penteado (2010:234) lembra que este é o material disponível e de uso generalizado em nossas escolas, muitas vezes até por ser o único material impresso de que o aluno e até mesmo a escola e o professor dispõem”. A partir dos apontamentos destes três autores percebemos a importância de se fazer uma discussão do livro didático através de criteriosa análise de seu conteúdo de dominação étnica, política e econômica sobre o continente africano.

Para Rusen “o saber histórico desempenha sempre funções na vida cultural do



tempo presente” daí a importância de se estudar de forma crítico reflexiva as representações da África no livro didático.

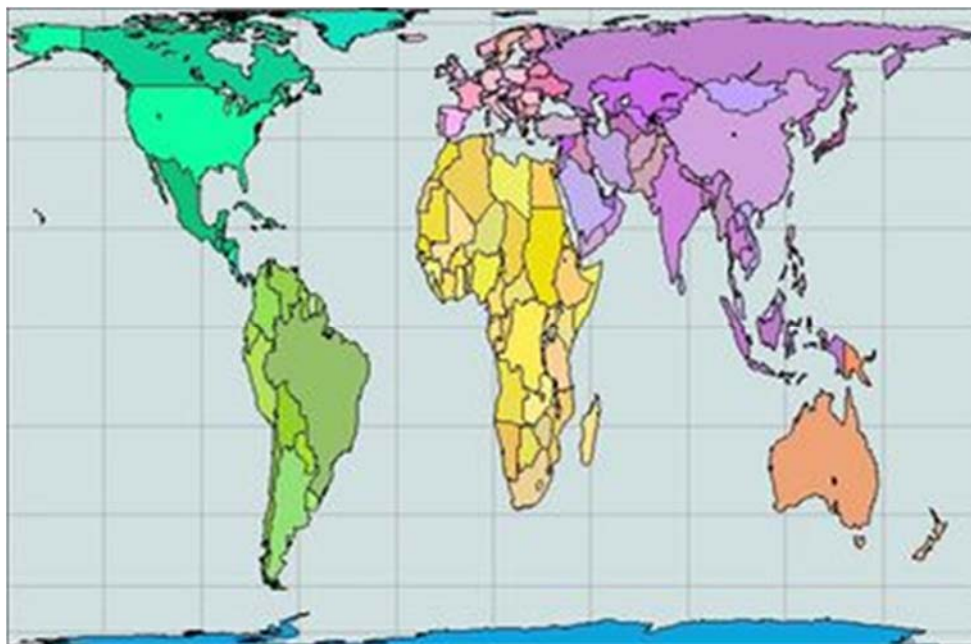
O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que aí detinham o poder. (...) O documento não é inócuo. É antes de mais nada o de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (...) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmitificando -lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. (LE GOFF, 1984, p.102-103).

Apesar de sermos um país conhecido pela sua grande miscigenação e que se diz multicultural o que percebemos no dia a dia é o oposto desta proposição, uma sociedade extremamente racista, preconceituosa e perpetuadora de desigualdades.

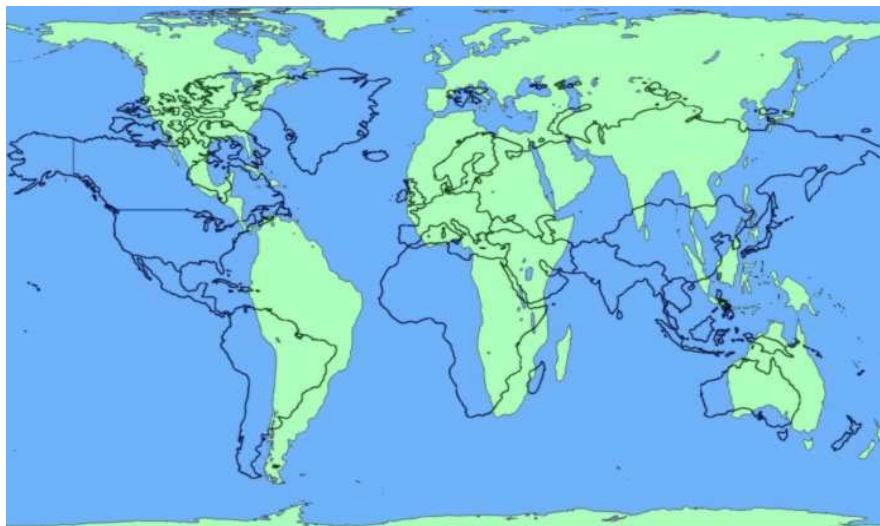
Segundo Marx, o conhecimento é controlado e legitimado como ferramenta das classes dominantes. A partir do apontamento filosófico podemos perceber essa relação de poder na forma com que a África é trabalhada no currículo escolar sob uma visão eurocêntrica manipulando e ocultando importantes passagens da história de uma África rica, esplendorosa e diversificada, contribuindo para a construção no imaginário dos alunos de uma visão distorcida de fracasso e inferioridade através da omissão de sua história, mas também da utilização de palavras e imagens que nos levam a ter esse olhar sobre o continente e seu povo, como podemos notar nas imagens cartográficas abaixo



(1)Representação de Mercator1569é o mapa utilizado nos livros didáticos e vinculado para o publico em geral como sendo o correto



(2) Projeção de Peters 1976 –traz a real dimensão dos continentes ,as missões de ajuda internacional se utilizam deste mapa, mas ele ainda é mantido longe do grande publico .



(3)A figura nos traz uma contraposição entre as duas imagens para melhor visualizarmos a diferença entre as configurações reais e as configurações ensinada dos continentes.

O mapa nº1, apresenta a representação de Mercator, elaborada em 1569 e que traz grandes distorções relacionadas as dimensões dos continentes, as distorções estas que foram corrigidas em 1976 na representação de Peter (mapa nº2), mas ainda hoje o planisfério utilizado nos livros didáticos é o de Mercator que traz uma imagem da África bem menor que a sua área original, enquanto que a Europa e a América do norte são representadas bem maiores do que na realidade são. O Alasca por exemplo que é um território pertencente aos E.U.A na representação de Mercator parece ser do tamanho do Brasil mas na verdade seu território é seis vezes menor, discrepância ainda maior ocorre se compararmos as representações da África em comparação com a Groelândia apresentada um pouco maior que o continente africano sendo seu território é quase 15 vezes menor, enquanto a África tem 30.221.532Km² a Groelândia tem apenas 2.160.086Km²

Porque é ocultada e mesmo manipulada essa informação nos materiais didáticos? A que interesses atendem essas manipulações? Que mensagem os livros didáticos através destas imagens pretendem criar na consciência dos alunos?

Podemos perceber que os centros de poder político e econômico mundial são superestimados em detrimento dos outros e em especial a África aparece inferiorizada e mostrada de forma deturpada.



A História não é uma ciência neutra, ela traz arraigada em sua essência não apenas o olhar do historiador sobre o fato, mas também interesses políticos, econômicos sociais e culturais, os mapas também sofrem esta influência, de acordo com (SEEMANN, 2003:7), os mapas representam a realidade, mas não são a realidade.

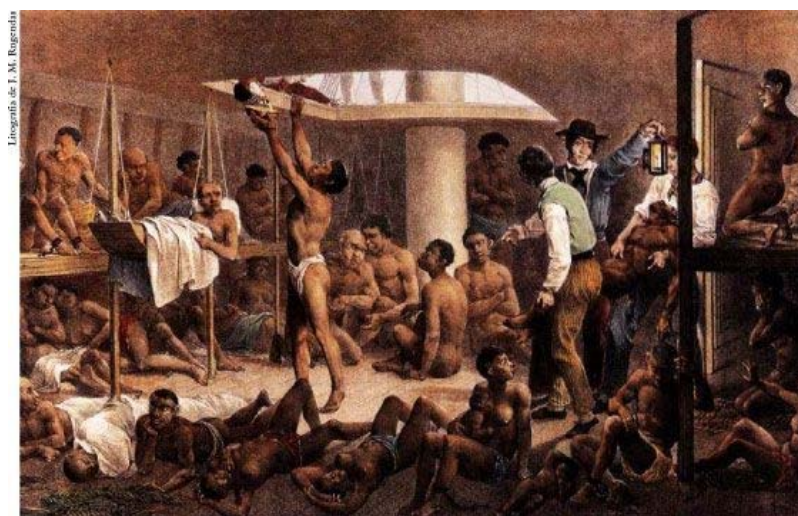
A detratção do negro e do africano sustentada em “verdades” hierarquizantes apoiadas em surradas categorias fenotípicas é na linguagem verbal e numa fornida profusão de suportes não verbais: textos, ilustrações, mapas, fotografias e imagens em geral. (ANJOS, 2009)

Apesar de sermos um povo que se formou a partir de uma matriz africana, o ensino de história no Brasil tem sido reprodutor de desigualdades, estereótipos e estigmas inferiorizantes, os livros didáticos em seus textos e imagens omitem a importância da África e da cultura africana na formação política, econômica e social do país.

As imagens que o livro didático traz do negro/a fujão/fujona sendo açoitado /a pelo capataz em contraposição a imagem da princesa branca e loura dos contos de fada naturalizam o sofrimento do negro e faz com que crianças e adolescentes se apropriem destas imagens como símbolos de sucesso e fracasso sendo assim os alunos afrodescendentes, não se reconhecem diante da história que lhes é ensinada, a história dos “vencedores”, dos conquistadores trazendo para estes alunos um desestímulo e consequentemente grande número de alunos negros evadidos das escolas públicas brasileiras. Algumas imagens, como as mostradas abaixo, se tornaram símbolo dessa naturalização do sofrimento do negro, mesmo a imagem do material didático elaborado pelo MEC de uso obrigatório nas escolas elaborado em 2011 com o objetivo de corrigir falhas no ensino da África e atender a lei 10.639/03, apresenta apenas imagens que reforçam a inferioridade econômica e social dos afro-brasileiros o sofrimento e a miséria do continente africano.

A maioria dos livros didáticos do ensino fundamental e médio trazem estampados em suas páginas as imagens inferiorizam o negro, ele é mostrado de duas formas, como escravo ou como problema social, pobre, bandido, promíscuo, incapaz intelectualmente.

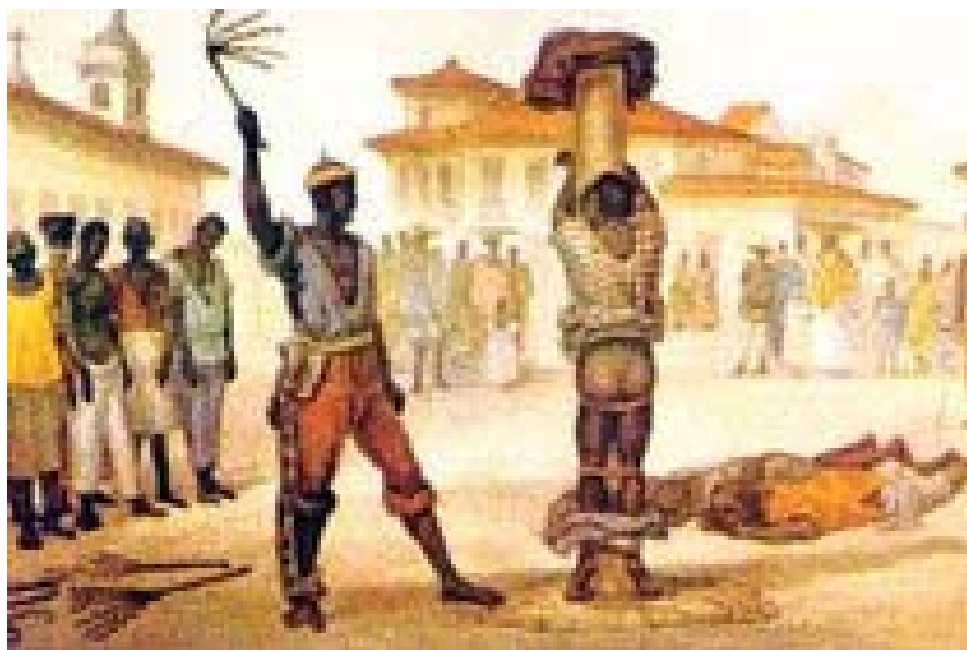
Fig-1



Negros no fundo do porão de navio (1835)

Imagem de um navio negreiro de Johann Moritz Rugendas é reproduzida em boa parte dos livros didático de história do ensino fundamental, e mostra os cativos negros sendo colocados por homens brancos no fundo de um porão como se fossem mercadorias.

FIG-2



Pelourinho”, de Jean-Baptiste Debret

Nesta outra imagem também muito recorrente nos livros de história um negro preso a um tronco é açoitado por outro negro enquanto um grupo de negros observam.

FIG.3



Esses infelizes são amontoados num compartimento cuja altura raramente ultrapassa um metro e meio. Esse cárcere ocupa todo o comprimento e a largura do porão do navio. Aí eles são reunidos em número de 300 a 500" - Rugendas

FIG.4



SILVA, A. S.; Bertolin, R; Oliveira, J. A. *apud* COSTA, p. 51)

A charge trata o negro através de uma consciência racista que liga a cor do indivíduo(negro)com o seu caráter (ou falta dele)



FIG.-5

Imagem da capa históriaMaterial didático para corrigir falhas no ensino sobre a da África fica pronto no segundo semestre, afirma MEC (Foto: Google Imagens)

Mesmo em um material didático preparado pelo MEC para se “corrigir falhas”no ensino sobre historia da África, as imagens que sobressaem apenas reforçam as desigualdades, e sociais, vinculando única definitivamente a Africa com a pobreza e a miséria .





A imagem representa as principais princesas dos contos de fada, elas são consideradas símbolo de beleza e aparecem sempre brancas, de cabelos lisos e olhos claros são com estas imagens que despertamos o surgimento de uma visão de si mesmo e do outro em nossas crianças.

Como se relacionam os gráficos que mostram as desigualdades raciais na educação com as imagens e mapas que apontamos no texto?

A escola é uma das principais instituições sociais existentes no mundo atual, é a responsável por construir e transmitir o conhecimento, o saber, e os valores que orientam a convivência em sociedade, segundo o PCN, a escola é um local privilegiado para a promoção da igualdade e a eliminação de toda forma de discriminação e racismo, por possibilitar em seu espaço físico a convivência de pessoas com diferentes origens étnico-raciais, culturais e religiosas, mas na prática não é o que ocorre. As imagens construídas sobre a cultura africana e o negro fazem com que os alunos ao serem apresentados a uma história de dominação e exploração do negro pelo branco não se identifiquem.

Segundo(MARQUES,2010), no Brasil, tanto o preconceito quanto a discriminação racial produzem efeitos perversos na vida da população negra, os quais se manifestam desde a vida familiar, na infância, na adolescência, até a esfera da sociedade política, na educação e no trabalho,provoca apatia, desinteresse e dificuldades de aprendizagem e consequentemente maior reprovação e evasão escolar entre os negros(grifo meu)

Telles (2003) acredita que os estereótipos se resumem na ausência de pessoas ou imagens emblemáticas, nas quais as crianças negras possam se espelhar. Dessa forma, contribui para uma baixa estima entre as mesmas, em idade escolar.

Dizer identidade humana é designar um complexo relacional que liga o sujeito ao quadro contínuo de referências, constituído pela inserção de sua história individual com a do grupo onde vive, cada sujeito é parte de uma continuidade histórico-social, afetado pela integração num contexto global de carências (naturais e psicossociais) e de relação com outros indivíduos, vivos e mortos. A identidade de um “si mesmo”, é sempre dada pelo reconhecimento do outro, ou seja, a representação que o classifica socialmente. (SODRÉ, 2000. p. 34).



Nas imagens e na história posta nos livros didáticos faltam referenciais positivos que ajudem o aluno a desenvolver uma identidade afro-brasileira, e ao não se identificar dentro do que lhe é ensinado se afaste ou mesmo se desinteresse pelo saber ensinado nas escolas podemos verificar esta afirmativa através dos altos índices de evasão escolar deste grupo étnico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação**. Editora Moderna 1996.

SEEMANN, 2003, aponta que: A representação cartográfica do mundo não é objetiva e nem neutra, mas cria visões do mundo.

BITTENCOURT, Circe M. F. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo; Cortez Editora, 2005.

ZAMBONI, Ernesta. Representações e Linguagens no Ensino de História. Revista Brasileira de História, vol. 18 n. 36, São

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. -Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

Lei 10639/03 | Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/98883/lei-10639-03>> Acesso em: 25 junho 2011.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2ªed. Brasília: Ministério da Educação Continuada, Alfabetização e diversidade, 2005. p. 7-75.

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos e Sentidos, 2. ed. São Paulo: Ática, 1988. As imagens do negro no livro didático de história – MARTINS, Eduardo; SILVA, H. F.P. da Revista Pitágoras – ISSN 2178-8243, Nova Andradina/MS, v. 1, n. 1 ago/dez 2011 12 _____. Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional Versus Identidade Negra. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.

_____. A identidade negra no contexto da globalização. IN: Ethnos Brasil, Ano I – nº 1, março de 2002, pp.11-20. – UNESP.

_____. Teorias sobre o racismo. In: Estudos & pesquisas n. 4.

_____. Racismo: perspectivas para um estudo contextualizado da sociedade brasileira. Niterói: EDUFF, 1998. pp. 43-65.



PINTO, Regina P. **Movimento negro e educação do negro**: a ênfase na identidade. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 1993, n. 86, p. 25-38. _____. **A educação do negro**: uma revisão de bibliografia. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, 1987, n. 62, p.3-34.

SILVA, Ana Célia. **A discriminação do negro no livro didático**. 2ªed.- Salvador: EDUFBA, 2004. p. 13-53.